

INSTITUTO SANTO TOMÁS DE AQUINO  
Centro de Estudos Filosóficos e Teológicos dos Religiosos

Josimar Felipe da Silva

**PELAS VEREDAS DA VONTADE SCHOPENHAUERIANA:  
como elemento essencial no mundo**

Belo Horizonte

2013

Josimar Felipe da Silva

**PELAS VEREDAS DA VONTADE SCHOPENHAUERIANA:  
como elemento essencial no mundo**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA, como requisito parcial para à obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Orientadora: Lilian Cristina Bernardo Gomes

Belo Horizonte

2013

S586p Silva, Josimar Felipe da  
Pelas veredas da vontade Schopenhaueriana: como  
elemento essencial no mundo./Josimar Felipe Silva.  
Belo Horizonte, 2013.  
29 f.

Orientador: Lílian Cristina Bernardo Gomes  
Monografia (Graduação) - Instituto Santo Tomás de Aquino,  
Curso de Filosofia, 2013.

1. Vontade. 2. Schopenhauer. 3. Representação. 4. Sujeito.  
5. Ser. I. Gomes, Lílian Cristina Bernardo. II. Instituto Santo  
Tomás de Aquino III. Título

CDU: 1(45)

Josimar Felipe da Silva

**PELAS VEREDAS DA VONTADE SCHOPENHAUERIANA:  
como elemento essencial no mundo**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Filosofia.

---

Lilian Cristina Bernardo Gomes (Orientadora) - ISTA

Belo Horizonte, 25 novembro de 2013.

*Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais  
Argemiro Felipe e Maria Helena, a todos os meus  
familiares. E a todos que contribuíram para a  
realização deste.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, pelo dom da vida.

À Pequena Obra da Divina Providência, especialmente na pessoa do superior provincial padre Tarcísio Vieira, por ter me proporcionado esses três anos de estudos filosóficos e pela abertura sincera ao diálogo e compreensão.

A minha família, especialmente meus pais, pela boa educação recebida desde a infância e pelos princípios morais que me deram forças para superar as adversidades enfrentadas até aqui.

A minha orientadora, professora Lilian Gomes, que com a sua sabedoria iluminou para uma melhor construção desse trabalho.

À Iaramar Sampaio, por ter sido tão solícita em ajudar na normalização desse trabalho.

Aos clérigos, Sebastião Bertoldo e Luís Vieira, meus companheiros de estudos, ao longo do curso de Filosofia e aos demais clérigos amigos e confrades de caminhada.

A todos da Comunidade Santa Teresinha, pertencente à Paróquia Nossa Senhora da Divina Providência, onde trabalhei por quase três anos pastoralmente.

Enfim, a todos os amigos que conquistei em Belo Horizonte, que me proporcionaram muita alegria nesses três anos.

*Toda possível ciência humana não vale  
para a eternidade, se não é dirigida a Deus  
e ao bem do próximo. (São Luís Orione)*

## RESUMO

A Vontade, para Arthur Schopenhauer, se manifesta em todos os âmbitos, de modo que é o que há de mais essencial no mundo, o princípio fundamental da natureza, independente da representação, não se submetendo às leis da razão. A Vontade é, acima de tudo, uma Vontade de viver e de viver na máxima plenitude. Schopenhauer, filósofo polonês nascido no século XVIII e falecido no século XIX, é um dos grandes teóricos desta temática. Arthur desperta-se para a reflexão da “Vontade”, a partir da observação da natureza, da filosofia de Platão e de Kant. Ele inspeciona o núcleo da consciência humana, com o intuito de decifrar o enigma do mundo, e lá encontra a chave para a resolução do mesmo: a Vontade. Esta não é ela mesma, nem fenômeno, nem representação, nem objeto, ela é a coisa-em-si; para ela não existe princípio donde ela possa induzir-se e que a determine; para ela não existe necessidade: ela é livre. A partir da questão do desejo, Schopenhauer abre espaço à frustração que o homem está sujeito a viver por causa de suas vontades. Com isso, ele sofre por não conseguir realizar, muitas vezes, seus desejos, o que torna sua vida extremamente infeliz. Porém, ceder à Vontade, ou fazer com que o objetivo seja alcançado, lutar por ele, não significa necessariamente uma vitória. Para Schopenhauer, a realização de um objetivo, a conquista de um objeto desejado, é caminho para um novo desejo. Portanto, a Vontade é o que há de mais inerente, essencial e impregnado no mundo é a força indomável e voraz da própria natureza.

**Palavras-chave:** Vontade. Schopenhauer. Representação. Sujeito. Ser.



## **ABSTRACT**

The Will, for Schopenhauer, is manifested in all areas, so that is what is most essential in the world, the fundamental principle of nature, independent of the representation, not submitting to the laws of reason. The Will is, above all, a will to live and to live to the maximum fullness. Schopenhauer, polish philosopher who was born in the 18th century and died in the 19th century, is one of the great theoreticians of this issue. Arthur wakes up to the reflection of the "Will", from the observation of nature, the philosophy of Plato and Kant. He inspects the core of human consciousness, in order to solve the riddle of the world, and there finds the key to solving it: the Will. This is not itself, nor phenomenon, nor representation, nor object, it is the thing-in-itself, for it does not exist principle where it can induce up and determine that. For it there is no need: it is free. From the question of desire, Schopenhauer makes room for frustration that man is subject to live because of their wills. Thus, he suffers for failing to perform, often their desires, which makes your life miserable. However, yielding to the Will, or cause the goal is reached, fight for it, does not necessarily mean a victory. For Schopenhauer, the achievement of a goal, the achievement of a desired object, is the way to a new desire. Therefore, the Will is what is more inherent, essential and steeped in the world is the indomitable strength and voracious nature itself.

**Keywords:** Will. Schopenhauer. Representation. Subject. Be.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 SOBRE ARTHUR SCHOPENHAUER.....</b>	<b>11</b>
2.1 VIDA E OBRAS DE ARTHUR SCHOPENHAUER.....	11
2.2 O DESPERTAR PARA A VONTADE.....	15
<b>3 SOBRE A VONTADE.....</b>	<b>17</b>
3.1 O MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO.....	17
3.2 O MUNDO COMO VONTADE.....	18
<b>4 VONTADE, INDIVIDUALISMO, TÉDIO E ALIENAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A temática foi escolhida por ser um assunto inerente ao ser humano e, como tal, ao longo de toda a história, vem sendo abordada pelos mais diversos autores de modos e perspectivas diferentes. Nessa perspectiva, este trabalho buscará demonstrar a concepção da Vontade<sup>1</sup> em Arthur Schopenhauer. A Vontade se manifesta em todos os âmbitos, de modo que é o que há de mais essencial no mundo.

A Vontade, segundo Schopenhauer, é o único componente permanente e invariável do espírito, aquele que lhe dá coerência e união, que constitui o particular do homem. A Vontade seria o princípio fundamental da natureza, independente da representação, não se submetendo às leis da razão. O inconsciente apresenta assim, um papel fundamental na filosofia de Schopenhauer. A Vontade é, acima de tudo, uma Vontade de viver e de viver na máxima plenitude. Ela triunfa da própria morte graças à estratégia da reprodução, que a torna imperecível. Por isso o instinto de reprodução é o mais forte de todos os instintos. A atração sexual é determinada por motivos estranhos ao indivíduo e tem em vista, apenas, assegurar a perpetuação da espécie, nas melhores condições possíveis.

Para o desenvolvimento dessa monografia, no segundo capítulo falaremos da vida e obras de Arthur Schopenhauer, bem como se deu o seu despertar para o tema da Vontade. No terceiro capítulo trataremos de descrever e refletir sobre os principais pensamentos do autor sobre essa temática, abordando antes, sobre o mundo como representação. Tais temas, a Vontade e representação, são tratados na principal obra de Schopenhauer: *O mundo como vontade e representação*. No quarto capítulo trataremos de descrever um pouco e analisar alguns problemas inerentes aos homens da atualidade: o individualismo, o tédio e a alienação. Tais problemas serão refletidos em contrapartida com a Vontade, procurando, a partir dela, uma possível solução para os mesmos.

---

<sup>1</sup> No decorrer dessa monografia utilizo a palavra Vontade com a primeira letra maiúscula, por compreender que na filosofia de Schopenhauer ela ganha um status de sujeito do ser.

## 2 SOBRE ARTHUR SCHOPENHAUER

Neste capítulo demonstraremos os principais fatos ocorridos na vida de Arthur Schopenhauer, do nascimento à sua morte, bem como também trataremos de contextualizar o surgimento de suas principais obras, inclusive *O mundo como vontade e representação*, principal obra de Schopenhauer que também é a principal fonte de pesquisa sobre a Vontade segundo este filósofo.

### 2.1 VIDA E OBRAS DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Arthur Schopenhauer, filho do rico comerciante Henri Floris e da futura escritora Johanna Trosiener, nasceu aos 22 de fevereiro de 1788 em Dantzig, cidade polonesa e faleceu aos 21 de setembro de 1860 em Frankfurt na Alemanha. (BARBOZA, 2003; JANAWAY, 2003) após 72 anos vividos.

O nome “Arthur” foi escolhido por ser comum a várias línguas europeias, pois a intenção principal foi a de enquadrar a criança na carreira de comerciante, visto que esse é um nome cuja pronúncia não muda nos outros países europeus, o que facilitaria na futura carreira de comerciante. (STRATHERN, 1998).

Schopenhauer, segundo Christopher Janaway e Jair Barboza, recebeu uma ampla e enriquecedora educação na escola, aprimorada pelas viagens e pelos contatos sociais que sua família tornou possíveis: França aos nove anos de idade, quando se tornou fluente em francês; Holanda, Inglaterra, França, Suíça e Áustria dos 15 aos 17 anos com os pais.

Quando seus pais passeavam pela Inglaterra, Arthur ficou aos cuidados de um internato em Wimbledon, subúrbio de Londres, instituição rígida (na disciplina e no caráter religioso), que lhe deixou uma duradoura impressão negativa. (JANAWAY, 2003, p. 12).

Esse episódio diz muito sobre o caráter e a criação de Schopenhauer. Era um pupilo irrequieto e beligerante, que não se submetia às práticas imbecilizantes que o circundavam, (JANAWAY, 2003) e parece ter sido bem isolado em suas atitudes e opiniões de desafio e mudança. Essa situação foi muito marcante para com o seu pequeno mundo, sua vida futura.

Com o passar dos anos foi ficando claro que sua vida não se construiria em torno de relações próximas com outras pessoas, e resolveu ser solitário, mesmo quando acompanhado, por temer a perda de sua própria integridade. O filósofo chega a declarar que oitenta por cento da humanidade merece apenas desprezo, mas ao mesmo tempo se dá conta de obstáculos interiores ao contato humano. Christopher Janaway cita o filósofo: “A natureza fez mais do que o necessário para isolar meu coração, ao tê-lo dotado de suspeita, sensibilidade, veemência e orgulho.” Nesta outra passagem, nota-se um Schopenhauer deprimido: “Sempre sou dominado por uma preocupação ansiosa, que me faz ver e procurar riscos onde não há nenhum.” (JANAWAY, 2003, p. 13).

O pai de Schopenhauer suicidou-se a 20 de abril de 1805, não vivendo o suficiente para decepcionar-se com o filho filósofo, uma vez que fizera tudo para que o jovem se interessasse para com os negócios de família. A morte do pai, fez com que o filósofo encontrasse a infelicidade já aos 17 anos, como Buda, segundo as palavras que escreveu:

Aos meus 17 anos, ainda sem nenhuma formação escolar, fui tão fortemente abalado pela penúria da vida como Buda o foi em sua juventude, ao considerar doença, velhice, dor e morte... A conclusão a que cheguei é que este mundo não poderia ser a obra de um ser boníssimo, mas antes de um diabo, que joga suas criações na existência a fim de regozijar-se com a visão de seu tormento... (SCHOPENHAUER apud BARBOZA, 2003, p. 14).

Talvez daqui, também, é que retiram a indagação de que Schopenhauer é um filósofo pessimista, conforme vem na mente de muitos quando ouvem dizer o nome do mesmo.

Henri Floris era um homem ansioso, rigoroso e incansável, que tinha muitas ambições com relação ao filho. A mãe, Johanna, que também descendia de uma família bem sucedida nos negócios, era bem diferente do marido. Pessoa vívida e sociável tinha aspirações literárias que mais tarde culminou numa carreira de romancista romântica, que a tornou, na época, mais famosa que o filho. Johanna, após a morte do marido, teve uma vida melhor, fundou um salão literário em Weimar frequentado por muitos intelectuais escritores da época. Esta foi uma força relevante na vida de Arthur, pois criara laços de amizade com esses frequentadores: Goethe e Friedrich Majer (JANAWAY, 2003) que o inspiraram em sua filosofia. Mas as relações entre mãe e filho nunca foram calorosas. Johanna zombava de seu filho,

chegando a dizer, por exemplo, que um de seus livros era um livro para farmacêuticos. Schopenhauer reagia dizendo que os romances dela não sobreviveriam à posteridade, e ela seria lembrada meramente por ter sido sua mãe (BARBOZA, 2003). Em 1814, o relacionamento de Schopenhauer com a mãe tornou-se mais tempestuoso quando “ela o expulsou para sempre, nunca tendo-o visto novamente.” (JANAWAY, 2003, p.14). Assim como qualquer ser humano, Schopenhauer é marcado por isso pelo resto de sua vida. Segundo a filosofia schopenhaueriana, a descendência herda do pai o caráter e da mãe o intelecto. (STRATHERN, 1998).

Schopenhauer tinha abandonado a carreira comercial que o pai projetara para ele e tinha descoberto que sua vocação era uma vida de estudos (JANAWAY, 2003), tendo tido de início, em 1809, a intenção de estudar medicina, mas logo se encaminhou para a filosofia. (STRATHERN, 1998).

A maioria das obras que Schopenhauer publicou, foram escritas depois de ele ter se instalado em Frankfurt, aos 45 anos, porém, foi nos anos entre 1810 e 1818 (22 aos 30 anos) que ele produziu seu sistema filosófico. “A energia criativa e rebelde de um homem na casa dos 20 anos, produziu *O Mundo como vontade e representação*.” (JANAWAY, 2003, p. 11). Schopenhauer muito se ocupou com esta obra-prima (até bem perto da morte) e com sua consolidação e suplementação para reforçar a posição que apresentara.

Em 1813, Arthur compila sua primeira obra: *A quádrupla raiz do princípio da razão suficiente*, que lhe valeu o doutorado em Jena, Alemanha, tendo sido publicada no mesmo ano numa edição de 500 exemplares. Ele sempre considerou essa obra essencial à compreensão de seu pensamento, tendo se dedicado a uma revisão e republicação em 1847. (JANAWAY, 2003).

Em 1816, publicou o ensaio *Da visão e das cores*, fruto do envolvimento com o famoso poeta Goethe (JANAWAY, 2003), 40 anos mais velho que Schopenhauer, que frequentava o salão literário de Johanna Schopenhauer.

O verdadeiro destino de Arthur é revelado no volume I de *O mundo como vontade e representação*, que ele completou em Dresden, capital do estado da Saxônia na Alemanha, e publicou em 1818, embora 1819 seja a data que figura na página de título. “Seu pensamento era matizado por nuances estéticas e religiosas embora seja oportuno dizer que seu sistema filosófico é integralmente ateu.” (JANAWAY, 2003, p. 17). Ele tocou também numa das teclas lancinantes do

pessimismo, ao dizer que a vida da experiência comum, na qual labutamos, desejamos e sofremos, é algo de que precisamos ser libertados. (JANAWAY, 2003). Esses pensamentos estavam bem estabelecidos na mente de Schopenhauer por volta de 1813 aos 25 anos de idade.

Durante a década de 1820, Arthur teve sua fase menos produtiva. Viajou à Itália, durante a viagem e depois de voltar, foi acometido por uma séria enfermidade e pela depressão. Habilita-se por duas vezes como professor universitário de filosofia, em 1820 e 1825 em Berlim, porém não obteve sucesso. O filósofo fez alguns projetos, como a tradução dos livros de Hume sobre a religião, mas não concluiu nenhuma obra nova quando estava em Berlim. (BARBOZA, 2003; JANAWAY, 2003).

Em 1831, a cólera chega a Berlim e Schopenhauer deixa a cidade e se estabelece em Frankfurt, onde levava uma vida dividida entre escrever e divertir-se: teatro, ópera, caminhadas, tocar flauta, jantar fora e ler “The Times” na biblioteca da cidade. (JANAWAY, 2003). Vivia modestamente, apesar de sua fortuna, num imóvel alugado na companhia de seu cão Atma (alma do mundo) (BARBOZA, 2003). Nesse período conseguiu produzir mais livros. Em 1836, publicou *Sobre a vontade na natureza*. Em 1838 e 1839 produziu dois ensaios autossuficientes, *A liberdade da vontade* e *O fundamento da moral*, para Schopenhauer, a autossuficiência é condição essencial para uma vida feliz, estes publicados juntos em 1841 com o título: *Os dois problemas fundamentais da ética*. (JANAWAY, 2003).

Em 1844, foi publicado o segundo volume de *O mundo como vontade e representação*, ao lado de uma nova edição do primeiro. O pensador teve a sabedoria de não tentar reescrever sua obra de juventude, o que ele proporciona é uma substancial elaboração do original, esclarecendo-o e aumentando-lhe o alcance com o benefício da reflexão madura. (JANAWAY, 2003).

Sua última publicação foi outro livro em dois volumes, intitulado *Parerga e Paralipomena* que saiu em 1851. Alguns comentadores como Jair Barboza, Christopher Janaway e José Thomaz Brum, trazem a tradução deste imponente título como: “obras complementares e questões omitidas”, ou como: “ornatos e suplementos”. Tal publicação lhe rendeu muita fama na Inglaterra. Nos primeiros cinquenta anos depois de sua morte, Arthur Schopenhauer iria se tornar um dos mais influentes autores da Europa. (JANAWAY, 2003). Ao final deste, o autor, como

se fosse um poeta, faz uma reflexão sincera e honesta dos sentimentos que ele teve em seus últimos anos de vida:

Eis-me aqui fatigado ao final da jornada. A fronte macerada me sustenta os louros. Mas ainda assim vejo com prazer tudo que fiz. Eternamente alheio a tudo o que se diz. (SCHOPENHAUER apud JANAWAY, 2003, p. 24).

O filósofo ainda vê a terceira edição de sua obra magna, em 1859, antes de morrer subitamente em 1860, após um colapso pulmonar. Em seu jazigo encontra-se escrito simplesmente: “Arthur Schopenhauer.” (BARBOZA, 2003).

Schopenhauer expande-se com sua filosofia a vários temas inerentes ao ser humano como, por exemplo: a teoria do conhecimento, a estética, a liberdade, a ascese, a metafísica da natureza, do belo e da ética (MONTEIRO, 2011; BARBOZA, 2003) entre outros. Mas iremos nos ater neste trabalho, sobre a questão da vontade.

## 2.2 O DESPERTAR DA VONTADE

O ponto de partida do pensamento de Schopenhauer encontra-se, principalmente, na filosofia de Kant, mestre que tanto admirava. Arthur desperta-se para a reflexão da “vontade”, a partir da observação da natureza, da filosofia de Platão e de Kant. O pensamento kantiano estabelece distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si, entre o que nos aparece e o que existe em si mesmo. A coisa-em-si não poderia segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico. A ciência restringir-se-ia ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (BARBOZA, 2003; JANAWAY, 2003).

O filósofo Arthur, contudo, separa-se, explicitamente, de Kant em um ponto essencial e, a partir daí, constrói uma filosofia original. Para Kant, a coisa-em-si é inacessível ao conhecimento humano, pois se encontra além dos limites das estruturas do próprio ato cognitivo, entendido como síntese dos dados da intuição sensível, síntese essa realizada pelas categorias *a priori* do entendimento. Schopenhauer, ao contrário, pretendeu abordar a própria coisa-em-si. Essa coisa-em-si, raiz metafísica de toda a realidade, seria a Vontade. (BARBOZA, 1997, 2003; JANAWAY, 2003).



Com o intuito de decifrar o enigma do mundo, Schopenhauer desiste da via objetiva, seguida pelos cientistas, orientados pelo princípio da razão, e toma a via subjetiva. Inspetiona então o núcleo da consciência, lá encontrando a chave do enigma, traduzível na palavra Vontade. Observa-se, ao mesmo tempo, o papel crucial conferido pelo filósofo ao corpo humano, concebido doravante como “objetividade” da Vontade, isto é, ponto de partida para chegar à essência do mundo (BARBOZA, 1997). Sobre este tema, a Vontade, trataremos mais especificamente a fundo no capítulo 3.

### 3 SOBRE A VONTADE

A concepção do homem na filosofia de Schopenhauer está inteiramente ligada a sua doutrina da Vontade. O homem existe apenas, aos olhos de Schopenhauer, na medida em que é um fenômeno da Vontade, uma objetivação da coisa-em-si do mundo, isto é, da Vontade. (BRUM, 1998, p. 21).

A Vontade, a partir da visão de Arthur Schopenhauer, é o único elemento permanente e invariável do espírito, aquele que lhe dá coerência e unidade, que constitui a essência do homem. A Vontade é o princípio fundamental da natureza, independente da representação, não se submetendo às leis da razão. Schopenhauer afirma que o real é em si mesmo cego e irracional, enquanto Vontade.

Sobre este tema, a Vontade, frisaremos neste capítulo, pontos consideráveis para melhor compreensão do mesmo.

#### 3.1 O MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO

Antes de explanar sobre a Vontade, consideramos o que é Representação para Schopenhauer, uma vez que, tal tema é tratado (em dois pontos de vista) nos livros I e III de *O Mundo Como Vontade e Representação*. E a Vontade (também em dois pontos de vista) nos livros II e IV.

Para Schopenhauer o mundo pode ser pensado a partir dessas duas perspectivas diferentes. A primeira delas é a da Representação. A segunda é a da Vontade. Segundo Michelle Federico Sciacca:

O mundo, para Schopenhauer, tem uma casca e um miolo: a casca é tudo quanto dele conhecemos: os fenômenos, nossa representação, mas o sujeito não é somente atividade representativa, mas é também vontade, e é isto que constitui o miolo do mundo. (SCCIACA apud BARBOZA, 1997, p. 67).

A primeira perspectiva que tem o sujeito cognoscente (que pode conhecer) é o mundo da Representação, “o mundo é a minha representação” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 9). Neste primeiro aspecto, sendo o mundo representação, ele é aquilo que se apresenta à experiência do sujeito. Com isso ele

queria dizer que o mundo tal como nós vemos apenas existe em função de um sujeito capaz de representar tal mundo. Mas como o sujeito pode representar o real? Todo conteúdo da representação nos é dado pela sensibilidade, e esta é composta de espaço e tempo.

O relato do mundo das coisas empíricas oferecido por Schopenhauer é o que está contido em *A Quádrupla Raiz*: as coisas empíricas consistem em matéria, e esta preenche porções distintas do espaço e do tempo que estão em interação causal com outras porções de igual natureza. Mas esse idealismo diz que, sem o sujeito da experiência, nenhum desses objetos existiria. (JANAWAY, 2003, p. 42).

Em outras palavras, o sujeito recebe as impressões sensíveis, estas são ordenadas pelo espaço e pelo tempo e toda Representação é regida pela lei da causalidade. “É, pois, a causalidade que forma a ligação entre o Tempo e o Espaço.” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 16).

O argumento mais forte que Schopenhauer mais confia para explicar esse idealismo da Representação, e o qual nos apresenta como sendo o mais simples e óbvio, fundamenta-se nos conceitos de sujeito e objeto. Sendo o sujeito, aquilo que conhece ou experimenta e o objeto, aquilo que é conhecido ou experimentado. Para ele, o mundo como Representação requer os dois conceitos: nada pode ser tanto sujeito como objeto e não pode haver sujeito sem objeto nem objeto sem sujeito. Acentuando Kant, Schopenhauer elucida que nada pode ser objeto de experiência sem que haja um sujeito para experimentá-lo ou refletir a seu respeito. (JANAWAY, 2003). “Somente após o entendimento ter ligado o efeito à causa, o mundo aparece.” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 19).

Enfim, Representação é crer que todas as coisas que podemos experimentar têm de existir somente em relação à nossa experiência delas. (JANAWAY, 2003).

### 3.2 O MUNDO COMO VONTADE

Passamos agora, para o ponto que mais nos interessa: a questão da Vontade para Schopenhauer. Questão essa, debatida em um primeiro ponto de vista no livro II de *O Mundo Como Vontade e Representação* e em um segundo ponto de vista no livro IV.

Como podemos definir a Vontade? Recorremos a Schopenhauer para tentar sanar a nossa dúvida:

A vontade, esta não é, ela mesma, nem fenômeno, nem representação, nem objeto, ela é a coisa-em-si, e, por conseguinte, escapa ao princípio de razão suficiente, essa lei formal de tudo que é objeto; para ela não existe princípio donde ela possa induzir-se e que a determine; para ela não existe necessidade: ela é livre. Tal é a noção de liberdade, noção essencialmente negativa, reduzida que é a ser a negação da necessidade, a negação da ligação de consequência a princípio, tal como o princípio de razão suficiente impõe. (SCHOPENHAUER apud MONTEIRO, 2011, p. 31).

Schopenhauer identifica a Vontade com a “coisa-em-si” de Kant, sendo esta, essência de tudo que nos cerca e até mesmo como nossa essência. Este é o caráter de onipresença da Vontade. Vejamos:

Vontade [...] a força que vegeta e palpita na planta, sim, a força que forma o cristal, que gira a agulha magnética para o polo norte, que brota do choque de dois metais heterogêneos, que aparece nas afinidades eletivas dos materiais como atração e repulsão, sim, a própria gravidade que atua poderosamente em toda matéria, atraindo a pedra para a Terra e a Terra para o Sol. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 119).

Tudo isso é diferente apenas no fenômeno, mas conforme sua essência em si é para se reconhecer como aquilo que lhe é conhecido imediatamente de maneira tão íntima e melhor que qualquer outra coisa e que, ali onde aparece do modo mais nítido, chama-se Vontade. (BARBOZA, 2003, p. 59).

A Vontade está presente em tudo: na Lei da Gravidade, nos fenômenos da natureza, na origem das descargas elétricas, no magnetismo, na atração e repulsão dos corpos, nos fenômenos químicos, na força que faz com que os vegetais se voltem à procura da luz solar, na fotossíntese, nas larvas que escavam troncos para se metamorfosearem, revelando uma estranha astúcia ainda que em estado larvar. O fato de a planta girar na direção do sol é causado por um estímulo, não por um motivo, mesmo assim, Schopenhauer considera esse comportamento vegetal uma manifestação da Vontade, pois julga que só o podemos entender como algo voltado para uma meta, ainda que na ausência de uma mente que conceba essa meta. É a Vontade que faz com que as aves migrem, acasalem e retornem ao seu *habitat* natural. O comentador Fernando Monteiro “arrisca-se” (diz ele) ao entender a libido, essa força impulsiva, essa energia fundamental, como mais uma das determinações da Vontade. Portanto, para esta multiplicidade de fenômenos, buscamos explicações racionais (JANAWAY, 2003; MONTEIRO, 2011).

Schopenhauer claramente não pensa que os organismos arquitetem quaisquer propósitos conscientes, dado que a Vontade age “cegamente”:

Vemos de imediato, a partir do instinto e da habilidade mecânica dos animais, que a vontade também está ativa quando não guiada por nenhum conhecimento [...] O pássaro de um ano de idade não tem noção dos ovos para os quais constrói um ninho; a jovem aranha não tem ideia da presa para a qual tece uma teia; a formiga-leão não tem noção da formiga para a qual cava uma cavidade pela primeira vez. Mesmo em nós essa mesma vontade age de muitas maneiras cegamente, como é o caso de todas as funções do nosso corpo que não são guiadas pelo conhecimento, em todos os seus processos vitais e vegetativos, na digestão, na circulação, na secreção, no crescimento e na reprodução. (SCHOPENHAUER apud JANAWAY, 2003, p. 61).

Ele chama Vontade essa força obscura que faz um esforço igualmente obscuro na matéria inorgânica, um movimento funcional no mundo vegetal e uma ação motivada no mundo animal. (BRUM, 1998).

Nos animais irracionais, a objetivação da Vontade revela-se no nível do instinto. Os animais nascem, crescem, caçam, procriam e morrem; vivem o presente e a morte lhes chega como de modo natural. Nos momentos de perigo, a ideia da morte lhes chega de modo intuitivo. No homem, com a capacidade de memória e de abstração, há uma assimilação de conhecimentos passados, uma expectativa de futuro, ele tem consciência da morte que lhe há de chegar implacável. Um homem ameaçado com uma arma de fogo pode temer a morte, pois sabe, por um conhecimento já adquirido, que tal arma é capaz de matar um homem como ele. A Vontade desperta no homem o querer, o sentimento de posse, o dominar, o afirmar-se. Fundado no egoísmo, com a inteligência às margens da Vontade, tal homem pratica toda sorte de ações que chamamos condenáveis; corrupção, crimes, furtos, crueldade, guerra. (MONTEIRO, 2011). E fundado em um espírito de mudança (Vontade de mudança), o mesmo sai às ruas para protestar contra tais formas de egoísmo praticadas, constantemente, por seus semelhantes.

A Vontade é a vida. Neste caso, para Schopenhauer, alguém ao dizer: “vontade de viver”, estaria cometendo uma redundância. Vontade e Vontade de viver são termos sinônimos. (BRUM, 1998; MONTEIRO, 2011). A Vontade em todas as suas dimensões, é a natureza que quer se perpetuar. “A natureza é pródiga para com a espécie e terrivelmente mesquinha para com o indivíduo.” (SCHOPENHAUER apud MONTEIRO, 2011, p. 29). Os racionais entregues à natureza, à sua essência,

cientes da morte implacável, buscam nos prazeres o abrandamento, o consolo para seu fim. Um indivíduo, preso ao seu individualismo, não se dá conta de que o nascer e o morrer pertencem igualmente à vida: a geração complementa a morte e vice-versa. (MONTEIRO, 2011). Um exemplo: a fêmea do louva-a-deus, que depois de acasalar, às vezes devora o macho para obter os nutrientes necessários à fabricação dos ovos, assim ela pode produzir uma quantidade maior de ovos. Durante o encontro da fecundação, o macho corre o risco de ser devorado. Já no começo, o macho quase sempre perde literalmente a cabeça. Já se comprovou que o macho não desiste nem que seja decapitado (quando o devora, a fêmea em geral começa pela cabeça). A razão disso é que o cérebro do louva-a-deus não rege todas as suas funções de movimento e quase que serve apenas para o funcionamento do olfato e da visão. O resto do comportamento é regido por gânglios abdominais. Por isso o macho continua a cumprir seu papel, mesmo sem a cabeça. A fêmea, por sua vez, continua a arrancar-lhe bocados com as mandíbulas. É o caso mais extremo de canibalismo do reino animal. (NINHA, 2013).

A Vontade de agir, para Schopenhauer, envolve o pensamento consciente, fazendo com que o corpo se mobilize a partir de movimentos do intelecto, e não difere em princípio dos batimentos cardíacos, da ativação das glândulas salivares nem da excitação dos órgãos sexuais. Tudo isso, segundo o filósofo, pode ser considerado manifestações da Vontade. O próprio corpo é Vontade, é uma manifestação de vontade-de-vida, uma espécie de ousadia cega, que se acha abaixo do limiar do pensamento e da ação conscientes, um ímpeto que está dirigido para a preservação da vida e para conceber nova vida. (JANAWAY, 2003). O indivíduo busca em primeiro lugar sua própria conservação, e quando pensa ter alcançado sua finalidade, procria para dar prosseguimento à sua espécie. (MONTEIRO, 2011).

O homem, em verdade, vê no sexo uma das principais fontes de satisfação de seus desejos, no entanto, ele apenas cumpre uma determinação da natureza. A Vontade é voraz, é a insatisfação; um desejo satisfeito requer a expectativa de um outro desejo. Ao desejo satisfeito chamamos prazer, conforme a Vontade; ao anelo irrealizado chamamos sofrimento, uma agressão à Vontade. (MONTEIRO, 2011, p. 30).

Segundo Fernando Monteiro, diante da expressão Vontade, em suas múltiplas representações, podemos nos certificar que a essência da vida é a

perpetuidade de sofrimentos, não podendo ser de outra maneira. Os homens seriam presas do tédio, da indiferença; seriam indivíduos embrutecidos, sem temor nem mácula, se os desejos do mundo fossem satisfeitos de imediato, sem luta, sem sofrimento; enfim, que se comprazer-se fosse uma constante. A Vontade, muito embora irracional, mostra-se “conveniente” em todas as suas representações.

#### 4 VONTADE, INDIVIDUALISMO, TÉDIO E ALIENAÇÃO

Refletamos sobre esses aspectos citados acima a partir da Filosofia de Schopenhauer. O que procuraremos ajuizar é um saneamento de tais problemas (individualismo, tédio e alienação) a partir de um uso coerente, racionalizado, correto da Vontade.

O nosso contexto social, econômico, político, cultural e religioso vigente, aponta sempre para o indivíduo. Os indivíduos são colocados no centro, porém o lado sócio afetivo do homem parece estar desvalorizado, jogado de lado. Com isso, tudo o que envolve o próximo, com quem temos que conviver, fica de lado, a preocupação com a política, a ética, a preocupação com o próximo entre outros.

Vivemos carregando a história e a cultura, fazemos parte de um todo maior, de uma humanidade, do que simplesmente um mundo formado por mim, pelas minhas impressões, pelas minhas ideias, pelas minhas Vontades, enfim, pelo totalmente subjetivo.

A busca desenfreada pelo prazer, o hedonismo, algo tão característico do nosso tempo, foi um dos grandes e principais problemas do século XX que levou a sociedade a cair nesse individualismo extremo. Paradoxalmente grande gerador da depressão em razão da falta de valorização do próximo, do outro, em nossas vidas.

É comum vermos as pessoas falarem que estão entediadas, que nada resolve suas situações de tédio. O que não faltam são problemas a serem resolvidos à nossa volta, situações nas quais podemos nos engajar para construir um mundo melhor. No Brasil mesmo, são muitos os problemas de ordem social. Porém, nem sempre o engajamento em situações ou lutas para a solução de problemas trará algum tipo de prazer ou de diversão. Esse tipo de tédio na verdade revela como as vidas estão se tornando vazias e como as pessoas estão perdendo seu lado humano, exatamente por causa do individualismo. O tédio é uma expressão da falta de sentido nas vidas no mundo contemporâneo.

Schopenhauer influenciou muito o nosso período e nossa cultura, para ele, como já abordamos no capítulo anterior, o mundo era de certa forma uma manifestação da nossa Vontade. Para o autor, o mundo, a realidade, se expressa de duas formas, como Vontade, como já foi citado e como representação nossa, ou seja, como nós o vemos.



A questão do desejo, dos impulsos naturais e da incompletude humana diante de sua natureza desejante, que em contato com o mundo acaba por sentir algum tipo de Vontade, acaba por almejar coisas com as quais é obrigado a conviver.

A partir da questão do desejo, na relação do homem com o mundo, Schopenhauer abre espaço à frustração que o homem está sujeito a viver por causa de suas vontades. Com isso, ele sofre por não conseguir realizar seus desejos muitas vezes, o que torna sua vida extremamente infeliz. Porém, ceder à Vontade, ou fazer com que o objetivo seja alcançado, lutar por ele, não significa necessariamente uma vitória. Para Schopenhauer, a conquista, a realização de um objetivo, a conquista de um objeto desejado, é caminho para um novo desejo.

O mesmo também se mostra, por fim, nas aspirações e nos desejos humanos, cujo preenchimento sempre nos acena como o fim último do querer; porém, assim que são alcançados, não mais se parecem os mesmos e, portanto, logo são esquecidos, tornam-se caducos, e propriamente dizendo, embora não se admitia, são sempre postos de lado como ilusões desfeitas. Suficientemente feliz é quem ainda tem algo a desejar, pelo qual se empenha, pois assim o jogo da passagem contínua entre desejo e satisfação e entre um novo desejo – cujo transcurso, quando é rápido, se chama felicidade, e quando é lento se chama sofrimento – é mantido, evitando-se aquela lassidão que se mostra como tédio terrível, paralisante, apatia cinza, sem objeto definido, langor mortífero. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 231).

A Vontade, para Schopenhauer, é algo que tem como uma espécie de existência própria, como o Espírito Absoluto defendido pelo filósofo alemão Hegel. Ela de certa forma conduz a história, porque o ser humano é uma espécie da encarnação dessa Vontade metafísica. A natureza desejante do homem é uma manifestação da Vontade. O homem é basicamente Vontade.

O homem está destinado a sempre desejar, sempre querer algo, sempre se sentir atraído. Porém, mesmo que o desejo seja satisfeito, o homem acaba caindo em um novo desejo. E satisfazer um desejo não é algo positivo segundo o pensamento de Schopenhauer, pois, satisfação de desejos, chegar a um estágio de fim de desejo é quase que chegar à morte. O tédio nesse contexto da Filosofia schopenhaueriana nada mais é que um prelúdio da morte, ou uma espécie de morte em vida.

Se a natureza humana é basicamente desejar, para cessar um desejo seria como cessar certo impulso vital, pois, para Schopenhauer, a felicidade, que segundo a maioria das pessoas consiste em conquistar um objeto desejado, passa a ser uma

ilusão. Para o autor, a vida humana é um pêndulo entre o desejo, o sofrimento e o tédio. Desejamos alguma coisa, queremos muito, porém, nossa felicidade, que supúnhamos encontrar na obtenção da mesma, acaba por se demonstrar uma grande ilusão, afinal, a obtenção da mesma em nada nos saciou nos satisfaz. Cabe ao homem praticamente resignar-se diante dessa situação e perceber que nenhum desejo, por mais que possa ser satisfeito, trará ao homem felicidade perene.

O homem é, acima de tudo, movido pelo tédio, ou melhor, pela fuga do tédio, pois o mesmo o leva a sentir a sua incompletude, sua miséria, o quão vazio o mesmo é. Schopenhauer propõe que para solucionar tal problema, o homem deve entregar-se totalmente à ascese, como forma de cessar seus desejos.

Quanto à ideia de alienação, refletimos o seguinte: pão e circo sempre foram as formas que a maioria dos governos encontrou para driblar possíveis revoluções, e cada vez mais se fazem presentes nas sociedades atuais. A luta das pessoas para saírem do tédio, de forma individualista e hedonista, só nos leva a ver o quão alienadas as mesmas pessoas estão se tornando ou já se tornaram. Schopenhauer cita que os homens procuram uns aos outros para evitarem o tédio. Até queremos e precisamos dos outros à nossa volta. Porém, para a Filosofia schopenhaueriana isso não deixa de ser uma atitude egoísta, ou até mesmo, utilitarista, na qual o outro me é necessário porque me é útil, tornando-se um objeto meu, algo que eu uso, que serve para por fim ao meu tédio.

A busca por prazer e diversão como fuga do tédio leva o homem a se afundar cada vez mais em seu egoísmo, em seu individualismo, e o outro cada vez mais vai perdendo sua verdadeira dignidade, tornando-se apenas um adereço.

O caminho do engajamento em causas humanitárias, que crescem cada vez mais no mundo, mas que precisam ganhar uma força maior, fazendo uma real diferença para transformar a sociedade, talvez seja a melhor forma de espantarmos o tédio e darmos sentido a nossas vidas.

Torna-se mais do que urgente, em nosso tempo lutarmos contra o individualismo em todas as suas faces. Uma das faces é a alienação social que cresce a cada dia mais, fruto do hedonismo e da falta de sentido na vida das pessoas.

Vivemos em uma era da superficialidade. De modo geral, as relações parecem nascer para não durarem. A preocupação com o outro perdeu espaço nesse mundo sendo tomado somente pelo culto ao eu. Esse culto ao eu, essa busca

pelo prazer, faz com que a sociedade de maneira geral não se volte para a solução dos problemas reais que a sociedade, ou a humanidade encaram. É como se a diversão pessoal fosse mais importante que o bem estar da humanidade.

Schopenhauer diz que nada adianta ficar querendo ceder aos nossos desejos somente para apaziguá-los, pois não será isso que irá nos garantir felicidade. Portanto, em vez da ascese, da renegação daquilo que desejamos, poderíamos muito bem usar nossos esforços, nossa Vontade, de maneira menos egoísta, e de forma mais altruísta, para saber reconhecer que o outro com quem convivemos deve ser valorizado. Assim, o engajamento em causas sociais, nas manifestações, – porque não faltam à humanidade, motivos para saírem às ruas para reivindicar por melhorias – pode ser a melhor maneira de se conseguir amenizar e até acabar com o problema do tédio, voltamos assim, nossa Vontade de vida para a luta contra toda forma de alienação, saído assim, de um mundo individualista e acolhendo um mundo mais comum.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou uma síntese do pensamento filosófico de Arthur Schopenhauer acerca da Vontade. No início, no primeiro capítulo, explanou-se sobre os principais fatos ocorridos na vida de Schopenhauer, bem como se deu o seu despertar para a reflexão deste tema, como já fora tratado, a partir da filosofia de Kant, de Platão e da observação da natureza. E com a intenção de decifrar o enigma do mundo, o autor vasculha o interior da consciência e encontra o que seria a chave para essa decifração: a Vontade. O corpo humano (com sua Vontade) é o ponto de partida para se chegar à essência do mundo.

A Vontade, já no segundo capítulo, para ele, é o princípio fundamental da natureza e não se submete à razão. Pode-se concluir, para tanto, que há uma obscuridade própria do conceito em Schopenhauer, isto é, em momento algum, o autor se atreve a tentar um conceito suficiente de Vontade. Isto porquanto seria uma atitude descabida e contraditória por parte do mesmo em tentar a suficiência de um conceito que só se consuma, ou seja, alcança sua completude no empenho privado do homem em negar-se como indivíduo e, com efeito, tornar-se sujeito puro do conhecer.

Todavia, segundo interpretação de Jair Barboza, parece também a Vontade apresentar uma essência. Não importando a dificuldade que o conceito de Vontade nos imprime, Schopenhauer nos adverte que não podemos, por anseio deste conceito, substituir o termo *Vontade* por *Força* ou qualquer outro termo que não *Vontade*, isto porquanto qualquer outro termo não corresponderá à essência propriamente dita do mundo, mas se limitará, em algum momento, a algum de seus fenômenos. Dito de outro modo, o conceito abstraído dos fenômenos dirá respeito apenas a este e nunca à *coisa-em-si*.

Como tratamos no capítulo três, toda a vida é sofrimento e até mesmo alienação, porque é um constante querer eternamente insatisfeito, que leva ao amor, ao ódio, ao tédio, ao desejo ou à rejeição. Para Schopenhauer a Vontade estava presente no mundo como se fosse a própria alma do universo, e era a força total pela qual o mundo existia e se movia. Ele fez da vontade um ser à parte, que se manifestava em toda a natureza como o substrato de todas as coisas. A vida é a manifestação da vontade. Schopenhauer considera como materialização, realização em força ou materialização da vontade, todas as forças e objetos da natureza como

a gravidade, o magnetismo, os instintos animais, as forças de reação química entre outros.

Enfim, Schopenhauer adota “Vontade universal”, ao invés da palavra “Deus”. Esta Vontade é a força voraz e indomável da própria natureza. A vontade aqui nada tem a ver com a decisão racional por uma opção de agir, mas trata-se de um ser absoluto, essência primeira, a coisa em si, que é irreduzível e gera todas as coisas deste mundo. Essa fome insaciável da Vontade faz o mundo anárquico e cruel. Essa Vontade, que é também um substrato, a coisa em si, no homem, é responsável pelos seus apetites incontroláveis. Ao final o homem encontra a morte, o golpe fatal que recebe a Vontade de viver, como se esta mesma morte chegasse e dissesse à vida que já vivera o bastante.

## REFERÊNCIAS

- BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo**. São Paulo: Editora Moderna, 1997. 128 p. (Coleção Logos)
- BARBOZA, Jair. **Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 74 p. (Passo-a-passo).
- BRUM, José Thomaz. **O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 117 p.
- JANAWAY, Christopher. **Schopenhauer**. São Paulo: Loyola, 2003. 159 p.
- LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Petrópolis: Vozes, 2005. 231 p.
- MONTEIRO, Fernando J. S. **10 lições sobre Schopenhauer**. Petrópolis: Vozes, 2011. 65 p. (Coleção 10 Lições)
- NINHA, Ana Maria. **Insetos: louva deus**. 2013. Disponível em: <<http://www.ninha.bio.br/biologia/insetos.html>>. Acesso em: 10 set. 2013.
- PERNIN, Marie-José. **Schopenhauer: decifrando o enigma do mundo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. 176 p.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação; crítica da filosofia Kantiana; parerga e paralipomena**. São Paulo: Abril Cultural, 1988. 235 p. (Os Pensadores).
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. 431 p.
- STRATHERN, Paul. **Schopenhauer em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Coleção Filósofos em 90 Minutos).